



Rita Cabaço (a contracenar com João Tempera) faz um duplo papel na peça – e ainda tem de cantar

BRECHT, MORAL E ROCK 'N' ROLL

Há uma banda permanentemente em cena na nova encenação de *A Boa Alma de Sé-Chuão*, com Rita Cabaço como protagonista. É para dar música aos poemas do original, peça moralista de um autor político. Em estreia esta sexta-feira, 19, em Almada. Por Rita Bertrand

NUNCA PARTIRIA de Rita Cabaço a ideia de ser a protagonista, como acontece a partir de sexta-feira, dia 19, no Teatro Joaquim Benite, em Almada, de uma peça de Bertolt Brecht. Não por se tratar de um dramaturgo estudado nas escolas de teatro, nem por ser um autor político. “Isso até me agrada”, confessou à **SÁBADO**. O problema é outro: “Há demasiado moralismo na sua escrita, acho-o bastante misógino e machista.”

Portanto, “não estava propriamente ansiosa” por interpretar o exigente papel duplo que lhe coube em *A Boa Alma de Sé-Chuão*, que chega a Almada com encenação de Peter Klei- nert, alemão como Brecht e especialista na sua obra (como

“Tento dar a minha visão da personagem feminina, fugindo à fragilidade e dizendo as palavras de forma pragmática, reflectida”, afirma a actriz Rita Cabaço

A BOA ALMA DE SÉ-CHUÃO
TEATRO MUN. JOAQUIM BENITE, ALMADA
De 19/10 a 11/11 • 5.ª a sáb., 21h30
• 4.ª e dom., 16h • €13

já mostrou em Portugal, onde a sua versão de *A Excepção e a Regra* valeu o Prémio da Crítica a Canto e Castro, em 1981).

“Embora o autor não me entusiasme, o desafio surgiu em bom momento, por ser um tipo de trabalho que nunca tinha feito. É um papel difícil e complexo, numa abordagem próxima de um concerto de rock, com os poemas da peça transformados em canções e uma banda sempre em cena, a ajudar a contar a história”, explica Rita, que aqui contracena – ora a cantar, de microfone, ora em modo mais convencional – com Beatriz Godinho, Érica Rodrigues, Inês Garrido, João Tempera, Miguel Raposo, Tomás Alves e Pedro Melo Alves (que também assume a direcção musical).

Não se pense, pois, que a actriz premiada em 2017 com A

Estupidez, onde se desdobrou em cinco personagens, aceitou pacificamente a misoginia de Brecht, desculpando-o por ter vivido há 100 anos, quando as mulheres não tinham voz. Pelo contrário: “Tento dar a minha visão da personagem feminina. Represento-a à minha maneira, fugindo à fragilidade e vulnerabilidade e dizendo as palavras de forma pragmática, reflectida, não ingénua e tonta, como sugere o original.”

Assim escapa ao maniqueísmo da história de Chen Te, que é “a boa pessoa” da província chinesa de Sé-Chuão por oferecer guarida, sem nada exigir em troca, às divindades que a descobrem quando andam pelo mundo, injusto, em busca de bondade, acabando por premiá-la com capital para abrir um negócio. Sem jeito para o gerir, torna-se presa fácil de miseráveis e oportunistas, ficando à beira da falência. É então que se reinventa num alter ego: Chui Ta, primo vil (oposto dela, embora no mesmo corpo), cuja falta de escrúpulos lhe garante riqueza – até ao dia em que ela se apaixonou. **□**